

O DESENVOLVIMENTO DE MÚLTIPLOS LETRAMENTOS NA E PARA DOCÊNCIA: práticas em tempos atuais

Elvio José Reis do Nascimento¹
Leila Santos de Santana²
Luciana Velloso da Silva Seixas³

Resumo

Este artigo objetiva compreender as experiências vivenciadas a partir de práticas desenvolvidas em uma escola pública de Ensino Fundamental II do Estado do Rio de Janeiro, com base em contribuições de pesquisa que pretendeu compreender como se dão as buscas docentes e suas apropriações nos usos do digital em rede. Com vistas a estas narrativas e conversas realizadas com docentes, temos como recorte o marco temporal que abrange o segundo semestre de 2019 até o segundo semestre de 2021, sendo, portanto, atravessada pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, diante da importância de desenvolver de múltiplos letramentos '*docentesdiscentes*'. Para tanto, nos debruçamos nos estudos de Rojo (2013) e Street (2014), como prática social e ampliação do conhecimento, buscando uma aprendizagem significativa. Assim, a partir do olhar de três docentes, autores do presente artigo, na perspectiva

¹ Professor de informática no Estado do Rio de Janeiro pela instituição FAETEC com habilitação para Fundamental II e Ensino Médio. Especialista em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica; Mestre em Educação, Cultura e Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC/UERJ-FEBF); Pesquisador no grupo de pesquisa SoCib - Sociabilidades, Educação e Cibercultura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5354-2581>. E-mail: elvionascimento@hotmail.com.

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da UERJ/FEBF, atualmente pesquisadora, membro do Grupo de Pesquisa SoCib/UERJ. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, Graduada em Pedagogia habilitada em Treinamento e Desenvolvimento na Empresa e docente da Educação Básica, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0646-2938>. E-mail: leilasantana.edu@gmail.com.

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Educação (UERJ) e do Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) Duque de Caxias/ Rio de Janeiro, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa "Sociabilidades, Cibercultura e Educação" (SoCib). Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped/UERJ) e Doutorado em Educação no mesmo Programa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1966-7617>. E-mail: lucianavss@gmail.com.

de uma etnopesquisa que se constitui através de um modo próprio de pensar sobre os fenômenos e as experiências vivenciados por um determinado grupo (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2010). Consideramos, ainda, os cotidianos dos docentes, praticantes desse estudo, respeitando a diversidade e pluralidade sociocultural presente na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos; Práticas Docentes; Etnopesquisa.

THE DEVELOPMENT OF MULTIPLE LITERATURES IN AND FOR TEACHING: practices in current times

Abstract

This paper aims to understand the experiences lived from practices developed in a public Elementary School II in the State of Rio de Janeiro, based on research contributions that intended to understand how teachers searches and their appropriations in the uses of digital technologies in network. With a view to these narratives and conversations with teachers, we have as a cut the timeframe that covers the second half of 2019 to the second half of 2021, therefore being crossed by the virus pandemic SARS CoV-2, before the importance of developing multiple literacies 'teacherstudents'. To do so, we focus on the studies of Rojo (2013) and Street (2014), as a social practice and expansion of knowledge, seeking meaningful learning. Thus, from the point of view of three professors, authors of this article, in the perspective of an ethno-research that is constituted through a way of thinking about the phenomena and experiences lived by a certain group (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2010). We also consider the daily lives of teachers, practitioners of this study, respecting the sociocultural diversity and plurality present in the school.

KEYWORDS: Multiliteracies; Teaching Practices; Ethnoresearch.

EL DESARROLLO DE MÚLTIPLES LITERATURAS EN Y PARA LA ENSEÑANZA: practicas en tiempos actuales

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender las experiencias vividas a partir de las prácticas desarrolladas en una Escuela Primaria II pública en el Estado de Río de Janeiro, a partir de contribuciones de investigación que pretendieron comprender cómo los profesores buscan y sus apropiaciones en los usos de las tecnologías digitales en red. Con miras a estas narrativas y conversaciones con docentes, tenemos como corte el lapso de tiempo que abarca el segundo semestre de 2019 al segundo semestre de 2021, siendo atravesado por tanto por la pandemia del virus SARS CoV-2, ante la importancia de desarrollando alfabetizaciones múltiples 'maestros-alumnos'. Para ello, nos enfocamos en los estudios de Rojo (2013) y Street (2014), como práctica social y ampliación del conocimiento, buscando un aprendizaje significativo. Así, desde el punto de vista de tres profesores, autores de este artículo, en la perspectiva de una etno-investigación que se constituye a partir de una forma de pensar los fenómenos y experiencias vividas por un determinado grupo (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2010). Consideramos también el cotidiano de los docentes, practicantes de este estudio, respetando la diversidad y pluralidad sociocultural presente en la escuela.

PALABRAS CLAVE: Multialfabetizaciones; Prácticas de Enseñanza; etnoinvestigación; vida diária.

INTRODUÇÃO

O ano de 2021 bateu em nossas portas e o abrimos com a esperança de rever nossas escolas abertas e receber nossos alunos, como fazíamos antes da

pandemia do vírus SARS-CoV-2. Os meses de confinamento e isolamento físico⁴ impostos pelo contexto, iniciados em março de 2020, provocaram, e vem provocando, momentos de reflexão sobre nossas práticas na educação, em especial, quando os artefatos tecnológicos assumiram o protagonismo como a forma de mediar a comunicabilidade entre docentes e discentes geograficamente distantes. O desvelar destas práticas segue se resignificando até o momento da redação do presente artigo.

Essa nova realidade exige de nós docentes considerações muito além da tarefa de ensinar o conteúdo que precisa ser ministrado, bem como mais do que algo a ser “depositado” em nossos alunos tão plurais, pois vivemos em um país desigual, no qual grande parte da população não tem recursos tecnológicos e nem acesso à Internet para dar continuidade aos estudos, o que foi, em diferentes momentos, debatido por estudiosos.

Seguindo essa forma de pensar, Bonilla e Pretto (2011, p.179) nos explicam “que para o movimento de inclusão digital, faz-se necessário a implementação de políticas públicas articuladas entre si nas esferas públicas municipal, estadual e federal”, que não sejam soluções reducionistas, assistencialistas, mas que favoreçam uma prática da cidadania verdadeira, de forma que as desigualdades socioeconômicas e culturais não sejam ampliadas, com mais uma exclusão.

Dessa forma, analisando a questão da comunicabilidade e sua importância na relação entre docentes e discentes no uso de artefatos tecnológicos, entendemos que nesse cenário excepcional, com a imposição do isolamento físico, apesar de diferentes criações e oportunidades, não podemos romantizar a ideia de que a pandemia foi somente uma explosão de novos gêneros textuais e de novas formas de ‘aprenderensinar’⁵ pois, verdadeiramente, foi um momento de sobreviver e se reinventar.

4 As tecnologias e o digital em rede fizeram toda a diferença para que mantivéssemos relações sociais, mas mantendo a proposta do isolamento físico, conforme indica autores como Henrique (2020), Couto; Couto e Cruz (2020) para conter o avanço do vírus.

5 Esses vários termos e tantos outros que ainda aparecerão neste texto, estão assim grafados porque, há muito, percebemos que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que

Percebemos o surgimento crescente da busca por formas de interação que propiciassem uma comunicação fluida e acessível, auxiliando a construção de diversas formas de apropriação do polo de emissão (LE MOS, 2004), trocas combinadas às necessidades e ao alcance dos recursos comunicacionais, como *Smartphones*, computadores e *tablets*.

No que se refere ao acesso à Internet, as associações mistas, síncronas e assíncronas, usamos as redes sociais, aplicativos como o *WhatsApp*, que permite uma comunicabilidade que acontece através das conversas, ou compartilhamento de materiais. Por isso, conhecido por possibilitar “os processos comunicacionais e as práticas de leitura e escrita [...] constantes e constituídas por outras características e sentidos próprias da Cibercultura” (PORTO, ALVES e OLIVEIRA, 2018, p.114).

É perceptível que todas essas novas aprendizagens podem ser mais favoráveis para aqueles que dispunham de mais recursos, dado que aqueles que estão às margens dessas aprendizagens acadêmicas, aprenderam com a escola da vida e buscaram alternativas para produzir, mesmo com as dificuldades que emergiram desses cotidianos (ALVES; ANDRADE e CALDAS, 2019). Desse modo, nos apoiamos também na epistemologia multirreferencial (ARDOINO, 1998), para entender essa leitura de mundo (FREIRE, 1987), da realidade vivida que ensina antes mesmo das letras rascunhadas no papel.

Sendo assim, para essa parcela da população que, efetivamente, conseguiu prosseguir com as novas formas de ‘*aprenderensinar*’, foi como o despetalar para descobrir. Docentes e discentes foram descobrindo, a cada pétala, recursos que ajudaram e ajudam a continuidade das aulas, mas que exigem dos praticantes (CERTEAU, 1994) novos multiletramentos.

Nesse sentido, objetivamos neste artigo compreender, a partir das experiências do primeiro autor deste artigo, o contexto educacional em tempos da pandemia do vírus SARS-CoV-2, dada a necessidade de entender a

pertencemos. Com isto passamos a grafar deste modo os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que estes termos precisam aparecer (ALVES; ANDRADE; CALDAS, 2019, p. 19-20).

importância do desenvolvimento de múltiplos letramentos docentes e discentes como prática social, com a ampliação do conhecimento e culminando numa aprendizagem significativa.

MULTILETRAMENTOS NA E PARA UMA DOCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Contemporaneamente o termo letramento quase sempre tem sido associado à tecnologia, ao letramento digital. Todavia, em uma sociedade como a brasileira, na qual convivemos com os avanços tecnológicos, ao mesmo tempo que grande parte da população é pouco escolarizada, há questões relacionadas ao letramento digital que não podem estar dissociadas do letramento impresso. Assim, sejam palavras rascunhadas no papel, mensagens rapidamente trocadas em aplicativos, escritas ou orais, há a necessária compreensão do que acontece no mundo.

Considerando o letramento digital e a necessidade de ações que possam reduzir processos de exclusão como o *tecno-apartheid* (CANCLÍNI, 2009), ou *apartheid* digital (BAGGIO, 2000) que implica a discussão acerca do processo de infoexclusão. Isto implica pensarmos a lacuna existente entre os que podem, efetivamente, fazer uso das tecnologias digitais e aqueles que não podem ou não têm a oportunidade de fazê-lo.

Entendemos que por mais que nosso estudo trate das potências do digital em rede e seus usos, não há como desconsiderar que o contexto pandêmico evidenciou também o que já ocorria: a existência dos processos de infoexclusão, que se traduzem na conseqüente exclusão social. Estudos como os de Baggio (2020), Rossi e Valentim (2020), Cunha (2021), dados do CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (2020), por exemplo, evidenciam o quanto a pandemia trouxe à tona de forma mais impactante os efeitos da exclusão digital sobre as desigualdades sociais.

Foram momentos que agudizaram o hiato existente entre ter ou não ter condições de realizar um uso significativo da rede. E isto foi igualmente associado à possibilidade de se proteger do novo coronavírus e de suas

consequências econômicas. Pudemos perceber ainda o quanto fez toda a diferença o acesso de qualidade à rede, sendo este inclusive determinante até mesmo para salvar vidas.

Percebemos que, cotidianamente, algumas pessoas sentem dificuldades em avançar para além das necessidades diárias, como salientam Rojo e Moura (2013). Habilidades também destacadas por Santaella (2013), e que se ligam à capacidade da leitura, mesmo aquela tecnológica, repleta de hipertextualidades, visuais, verbais e sonoras, e como parte desse todo, temos as percepções do mundo trazidas pelos praticantes culturais.

Em continuidade ao que nos falam Rojo e Moura (2013), podemos destacar que o letramento apresenta duas dimensões principais. Uma delas seria a individual, que consiste num atributo pessoal do indivíduo, que desenvolve habilidades de leitura e escrita. Já a outra, a dimensão social, refere-se ao conjunto de demandas e atividades sociais que envolvem e utilizam a língua escrita. Sendo assim, o letramento está presente na vida, nos cotidianos e, por isso, as pessoas estão cercadas de informações escritas.

Ao mesmo tempo, dado seu caráter político, o letramento é essencial para a compreensão desse universo, à medida que facilita o acesso dos educandos, e o porquê não dizer também aos docentes, aos bens culturais que permitem maior autonomia e integração à sociedade, contribuindo, portanto, para ampliar a consciência crítica, capacidade comunicativa, responsabilidade frente ao mundo que vivemos e adequação a diferentes contextos e urgências.

Dessa maneira, a partir de todas essas questões, a noção de multiletramentos, disposta em diferentes estudos, Rojo e Moura (2012 e 2013) apontam diferentes tipos de letramento. O letramento escolar, prioritariamente, desenvolvido no contexto escolar e o letramento social, que decorre das nossas interações em diferentes grupos, acrescentando ainda o digital já citado. Práticas de letramento que comportam uma multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação e significação para os textos multimodais contemporâneos, na pluralidade e na diversidade cultural.

Assim, propor aos alunos a elaboração de memes, fazer uso de *podcasts* para orientações, oportunizar debates síncronos sobre temáticas e questões

contemporâneas, como diferentes formas de preconceito, violência física e mental, fazendo uso da diversidade e pluralidade de notícias, vídeos. Nesse entendimento, para Rojo e Moura (2012)

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO; MOURA, 2012, p.8).

Pensar nas urgências e refletir sobre demandas, nos remete àquelas decorrentes do isolamento físico. Os conflitos, as inventividades e as táticas docentes fruto das trocas e conversas, como explicitado em diferentes pesquisas acadêmicas contemporâneas, especialmente, pelas conversas que serão trazidas na pesquisa realizada com docentes de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, que atende alunos do Ensino Fundamental II e, por conseguinte, das necessidades decorrentes dessa especificidade.

METODOLOGIA: COMO FOI PENSADA E DESENVOLVIDA A PESQUISA

Em nossas pesquisas bricolamos a etnopesquisa-formação (MACEDO, 2010), a multirreferencialidade (ARDOINO, 1998); (MACEDO, 2010) e ainda o olhar cotidianista (ALVES, 2008); (CERTEAU, 1994); (ANDRADE, CALDAS e ALVES, 2019). Nesse diálogo entre os autores que compõem nosso quadro teórico-metodológico, concebemos que cada uma dessas referências se volta a contextos diversos, nos permitindo de forma implicada analisarmos e entendermos certos aspectos, processos, com os quais se é possível produzir conhecimento.

A etnopesquisa-formação (MACEDO, 2010) foi a metodologia escolhida porque se funda no princípio antropológico de que os indivíduos que compõem um determinado grupo social são os melhores conhecedores de sua realidade, necessidades e dos acontecimentos que os cercam, subsidiando, através de suas experiências uma investigação atenta e sensível às suas perspectivas e narrativas dentro do contexto onde ocorrem.

A multirreferencialidade foi também adotada porque considera o olhar plural, a diversidade, as vivências e ambivalências que nos formam conforme vivemos, trazendo o humano, o subjetivo como parte fundamental da pesquisa. Utilizamos ainda um olhar cotidianista, pois o entendemos como ‘lugar de fala’ das vivências, das narrativas, da inventividade e adaptação que nos permite sobrepujar barreiras impostas e vencer demandas em prol da necessidade de ‘*aprenderensinar*’ (ALVES, 2008), essas questões presente nos cotidianos escolares.

Assim, o ato de refletir sobre as experiências que nós vivenciamos, de analisar o processo de ‘*aprenderensinar*’ por diferentes ângulos, assim como o de utilizar parâmetros distintos para avaliar aspectos da nossa atuação docente, nos encaminhou a essa produção, que parte da consciência dos limites administrativos e pedagógicos que enfrentamos e continuamos a enfrentar.

O reconhecimento da importância dessas reflexões ensejou conversas, lugar de onde os praticantes se assumem como narradores de suas experiências e as compartilham, tecendo e entretecendo conhecimentos, e que foram utilizadas como dispositivo da pesquisa nos termos de Ardoino e Lourau (2003).

Como destacam Ferraço e Alves (2018), é por meio das conversas que conseguimos negociar e expandir nossas relações sociais, pois estas se revelam em movimentos permanentes, através dos quais tecemos nossas redes de saberes. Esses constantes movimentos de trocas e negociações em que as conversas se ampliam, também nos fazem expandir ideias. “[...] enredar os sujeitos, levando-os, dependendo das redes de conversas tecidas, a mudar de ideias” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p.45).

Assim, a pesquisa lançou mão de conversas, trocas docentes iniciadas em 2019, mas que tendo em vista a pandemia como acontecimento, tomou uma dimensão que ultrapassou a demanda inicial de buscar ressignificar a prática docente para a contemporaneidade, ampliando o ‘*saberfazer*’ para potencializar a formação discente.

Dessa forma, as entrevistas abertas e as conversas, presenciais ou pelo *WhatsApp*, que serão trazidas neste trabalho, buscaram abrir caminhos ao entendimento necessário, às descobertas e algumas destas narrativas, que as

compreensões encaminharam, também foram registradas em diário de campo. Esse, um outro dispositivo de pesquisa acionado, que auxiliou no exercício de relacionar as experiências vivenciadas com a teoria que estava sendo apreendida.

Assim, tivemos dois momentos distintos. No primeiro, buscando o desenvolvimento de letramentos digitais para ampliarmos e enriquecermos o processo de *'aprenderensinar'* num movimento de resignificá-lo, ao mesmo tempo encaminhando discussões que considerassem o contexto social, econômico e cultural no qual estamos imersos. A segunda, com uma intencionalidade de apreender, compreender de que forma esses letramentos poderiam ser desenvolvidos e favorecessem práticas docentes que atendessem as demandas cotidianas.

Dessa forma, auxiliando os discentes no desenvolvimento de letramentos que oportunizassem maior compreensão desses contextos e, por conseguinte, dos letramentos sociais, entendendo ser esse o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita em diferentes contextos sociais, visando sua participação ativa na sociedade (STREET, 2014).

Tendo em vista os desafios cotidianos nos quais nos deparamos em diferentes *'espaçostempos'* da escola, e em decorrência do não acesso a ela, dos quais emergem questões oriundas da realidade do ensino, que envolvem políticas, currículos, comunidade, dentre outros (ALVES N.; ANDRADE e CALDAS, 2019).

Compreendemos a emergência de uma outra maneira de investigar e analisar suas complexidades e subjetividades, que requerem uma escuta atenta e um olhar sensível que, conjuntamente, aguce nossa percepção para tentarmos conhecer questões que não são, facilmente, perceptíveis às observações ordinárias ou pautadas em roteiros bem definidos, engessados. E assim, encontramos subsídios para tal, nas bases da etnopesquisa-formação, na multirreferencialidade e nos cotidianos, já destacado no texto, como metodologia de pesquisa.

As bases fundantes da etnopesquisa-formação (MACEDO, 2010) se apoiam no princípio antropológico de que os indivíduos que compõem um

determinado grupo social conhecem melhor a sua realidade; e assim pressupõe que sua problemática aconteça dentro de uma determinada questão de bases socioculturais. A abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998; MACEDO, 2010) baseia-se em perspectivas fundadas na heterogeneidade, pluralidade, nas vivências cotidianas que nos formam, mas também nas singularidades humanas com suas subjetividades.

No contexto dessas dimensões que esboçam aqui os fundamentos da etnopesquisa, transversalizada pelos elementos que constituem uma abordagem multirreferencial como guia para os fundamentos epistemológicos deste estudo. Ressaltamos a grande importância dos praticantes nos processos que compõem nossa compreensão, pois segundo Macedo

[...] a etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em uma organização, constituídas por sujeitos, intersubjetivamente edificados e edificantes, em meio uma bacia semântica culturalmente mediada (MACEDO, 2010, p.9).

Se constituindo, portanto, como um modo próprio de pesquisar e produzir conhecimentos alinhados a questões de natureza sócio fenomenológicas, inerentes àquele contexto/grupo culturalmente estabelecido.

Assim, através da bricolagem científica, objetivamos abordar o objeto de pesquisa sob perspectivas diversas, uma vez que desta maneira, se possibilita ao pesquisador usar de certa liberdade na apropriação das melhores formas disponíveis para compor sua investigação, viabilizando que este vá além de caminhos preestabelecidos, que funcionem como limitadores para produção do conhecimento e de novos entendimentos.

A partir de Coulon (1995), compreendemos a importância empírica da etnometodologia na pesquisa, no caminho de alcançar os sentidos e as compreensões das ações cotidianas em um determinado grupo social, das atividades mais básicas até as mais elaboradas, sem as quais, seria improvável obter subsídios na comunicação que nos permitam uma interação bidirecional inteligível, nas relações que emergem das questões diárias que se seguem através dos dias em suas práticas cotidianas.

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser considerada como uma atividade prática. (COULON, 1995, p. 30)

Conversa docente 1 - sobre gerações e o digital nos tempos atuais

O registro de um trecho das conversas com o praticante Caio, docente da disciplina de Arte⁶, que atua há mais de dez anos em uma instituição da rede pública de educação. Esta conversa ocorreu nos primeiros dias de março de 2020. Ela expressa a percepção desse docente sobre a influência da cultura tecnológica⁷ na educação, através das experiências que vivenciou em suas turmas:

[...] Eu acredito que há um conflito de gerações. Por que os professores são imigrantes digitais, digamos assim; e os alunos já nasceram nessa era digital, eles já nasceram com vários aparatos tecnológicos. Os alunos têm uma adaptação bem natural a toda essa realidade que se vive hoje, e, infelizmente, nem todos têm acesso à tecnologia, nem todos os alunos. Mas os que têm, costumam a usar com bastante frequência, e comentam sobre jogos, vídeos e vários tipos de mídias e acredito que o futuro será algo sentido, de muita tecnologia aliada à educação, ao aprendizado.

Praticante Caio/2020

A conversa com o praticante Caio nos fez refletir que muitos docentes, mesmo aqueles nascidos antes dos novos meios comunicacionais e informacionais, têm consciência de que nossos estudantes nasceram numa sociedade tecnológica, e que muitos lidam, naturalmente, com o digital, devido aos usos cotidianos, por isso, trazem para escola e fazem compartilhamentos de suas experiências multifacetadas, multimodais e plurais no ciberespaço, por meio de diferentes formas nas redes, sejam em jogos, vídeos e comunicações através das diversas mídias nas redes sociais, entre outros.

6 Por questões de ética da pesquisa, todos os praticantes mencionados no texto receberam nomes fictícios.

7 No que se refere a comunicabilidade na forma síncrona esta acontece, exatamente, ao mesmo tempo, conforme Santos (2019) ao contrário da assíncrona.

No entanto, mesmo diante da possibilidade de ressignificar os usos das tecnologias digitais, ainda há o desafio de como transformá-los em artefatos culturais pedagógicos, portanto, a favor do processo *'aprendizagemensino'*, com uma atuação docente imersa nos sentidos, sentimentos e significados das histórias, narrativas vividas nesses cotidianos, como salienta Alves (2008), buscando *'conhecimentossignificações'* que ampliem os *'espaçostempos'* escolares.

É possível ainda compreender, a partir da fala do praticante Caio, que há um futuro onde se supõe que a tecnologia habitará, indiscutivelmente, como aliada nos processos formativos, enriquecendo e desenvolvimento multiletramentos a partir dos usos das tecnologias digitais de informação e comunicação pelos docentes.

Todavia, numa atuação docente crítica, diante do exposto pelo praticante, se faz necessário mais uma vez abordarmos a exclusão digital, do docente e do discente, pois como destacado por ele, nem todos têm acesso às tecnologias, uma questão que abre precedentes para uma reflexão que pode ser de nível geracional ou econômica que restringe o acesso a artefatos culturais tecnológicos.

Dessa maneira, como salientado por Freire (1987), à docência requer sabedoria para refletir sobre as questões, e ainda, a curiosidade, a dialogicidade, para que assim possa ocorrer o pensar prático, o dinamismo e a reflexão crítica da sua experiência como primeiro passo para modificar e adequar as práticas.

Conversa docente 2 - desenvolvendo letramentos

Em novembro de 2019, realizamos uma conversa em grupo, que antecedeu o início de oficinas que seriam desenvolvidas com os docentes, praticantes no estudo, com o intuito de organizar e disponibilizar conteúdo online das disciplinas. Combinamos uma roda de conversa entre os praticantes, visando entender as expectativas e os conhecimentos que cada praticante possuía.

Na primeira narrativa, extraída do diário de campo de um dos autores a praticante Selena Maria, da disciplina de Português e com a experiência de vinte e quatro anos de magistério ouvimos:

[...] Não conheço nada de edição de vídeo, nem de imagem; meu conhecimento se baseia no Word e Power Point, uso rede social, às vezes; mas podemos ir devagar, que com calma vou pegando. Eu penso que os compartilhamentos podem tornar as aulas bem mais atrativas.

Praticante Selena Maria, nov/2019.

É possível compreendermos que o compartilhamento a que Selena Maria se refere, na narrativa acima, seria de conteúdos numa ambiência formativa além da presencial, uma ambiência online para uso dos estudantes. Em um contexto em que essas não apenas complementaríamos, como reforçaríamos as aulas, com o uso de letramentos digitais, como ressaltado por Freire (1987) considerando, a diversidade de gêneros textuais disponíveis nas redes que aproximam conteúdo das demandas contemporâneas, enriquecendo a prática docente.

A narrativa também retrata a necessidade de uma mudança na relação ‘*docentediscente*’, e a afetividade existente nessa relação. Desenvolver a docência por meio das mídias, com os conteúdos livremente compartilhados tendo em vista a liberação do polo emissor, permite a interação, a partir das discussões e produções acerca desses conteúdos.

Não concebemos a possibilidade de pensar ou fazer uso da televisão ou diferentes mídias digitais sem discutirmos questões relacionadas à educação e tampouco nos mantermos neutros frente a elas (FREIRE, 1987), pois consideramos a inexistência da neutralidade seja oral ou expressa em diferentes gêneros. É primordial a percepção de que os textos representam o mundo e que numa leitura crítica deste, e em virtude das múltiplas linguagens, urge o desenvolvimento de multiletramentos.

Posto isso, a discussão sobre assuntos que são compartilhados, requer a capacidade de análise, interpretação e percepção da mensagem encaminhada e, sobretudo, a criticidade e apreensão de meios para identificar a veracidade dos mesmos, especialmente, frente ao fenômeno das *fake news* (notícias

falsas)⁸, que influenciam, cada vez mais, os comportamentos cotidianos e a criação de fenômenos ciberculturais.

Sendo assim, são apresentadas situações que requerem o desenvolvimento de multiletramentos críticos, pois como dito por Fernandes e Santos (2020) a partir da reconfiguração, a atuação dos praticantes, bem como seu modo de ser, aprender, pensar, produzir e compartilhar nas redes que habitam, oportuniza a circulação de opiniões e saberes, às vezes nem sempre legítimos ou legitimados.

Seguindo essa análise com mais uma narrativa extraída de diário de campo, trazemos a narrativa de uma professora de Ciências, com 27 anos de magistério, que complementa o raciocínio inicial dizendo:

[...] Eu estou na mesma situação. Tenho pouca noção de uso do computador para essas coisas, mas tenho uma noção de rede social, de Word, um pouco do PowerPoint; mas se puder depois ir colocando no grupo de 'WhatsApp', as explicações, eu vou tentando repetir em casa no meu computador.

Praticante Nádia, nov./2019.

A intenção dessas duas praticantes, assim como dos outros docentes, era a produção de aulas que fossem disponibilizadas online e assim auxiliassem como reforço de aprendizagem para seus alunos e ao mesmo tempo torna-se a prática pedagógica mais atrativas, com o uso, nas disciplinas, das redes sociais como a plataforma *YouTube*.

Com a pandemia e como alternativa para mediar os encontros com os docentes em formação, o autor 1 optou por usar o grupo de *WhatsApp*, para trocas práticas, videoaulas e compartilhamento de *links* que ajudassem no desenvolvimento do letramento digital docente, e por conseguinte, ajudá-los a utilizar os aplicativos e dispositivos online na produção e apresentação dos conteúdos de suas respectivas disciplinas.

8 Segundo Santaella (2018), a expressão “*fake news*” pode como expressão, cobrir os sentidos de notícias falsas, falsificadas, de rumores, cascata de rumores, entre outros.

Contudo, a ação mencionada apresentou um entrave: Quais aplicativos poderiam ser usados nesse novo contexto? Como e qual interface poderia ser utilizada com os alunos? Estaremos livres para apresentarmos aulas em *PowerPoint*?

Apesar das muitas incertezas, apresentamos na Figura 1 *prints* de tela com registro de docentes explicitando usos praticados nas ambiências online, entre estes, produções autorais e coautorais nas linguagens audiovisuais e imagéticas, hipertextualmente voltadas ao digital em rede e em diferentes plataformas de ‘*aprendizagemensino*’ online, durante o Ensino Remoto Emergencial e que fazem parte de uma sequência de intervenções.

Figura 1 - Gravação de Vídeos



Fonte: Arquivo autoral

Vale destacar que as intervenções pedagógicas que foram realizadas, aliadas ao conhecimento apreendido e desenvolvido, nos remetem ao pensamento de Pretto (2013). Nesse sentido, a formação do docente é fator preponderante para alteração da realidade do país e da sociedade como um

todo, no que se refere principalmente ao pensamento crítico, que pode se traduzir em uma atuação docente atenta às demandas dos cotidianos

Observamos processos formativos dirigidos às necessidades de um grupo, considerados os aspectos culturais, afetivos, cognitivos, sociais, econômicos, e de políticas públicas conforme sustenta Candau (2008):

[...] promover uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. [...] orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2008, p. 52).

Ainda nessa compreensão, reconhecemos o valor de ações com as perspectivas da *'prácticateoriaprática'*, no sentido de que os docentes tragam em seus movimentos, outras abordagens, práticas situadas e articulações, diligentemente voltadas às interações, a participação de um coletivo adequando através de táticas que conferem novos sentidos à suas ações.

CONSIDERAÇÕES

Em meio a todas essas percepções, entendemos que antes da pandemia, os praticantes não tinham a pretensão de se apropriarem de forma tão acentuada dos artefatos digitais para mediar suas práticas de sala de aula. Todavia, o isolamento físico tornou essa apropriação essencial, fazendo dela portanto, caminho fundamental para prosseguirem com suas atividades docentes. Nesse sentido, foram antecipados processos, abreviados tempos e planejamentos, e apressado o desenvolvimento de diferentes letramentos digitais.

Pudemos, então, observar que houve intensa movimentação, por mais que houvesse resistência por parte de alguns docentes. Tais movimentos se refletiram nos diversos usos do digital em rede durante a pandemia. AVAs (Ambiente Virtual de Aprendizagem), videoconferências, *lives*, trilhas de

aprendizagem, aplicativos nas plataformas, conteúdos síncronos e assíncronos, como chats, aulas online, dentre outros.

Mesmo que toda uma mudança considerável tenha ocorrido em tempo muito curto, sem que pudéssemos vislumbrar quando terminaria a emergência dos fatos, acompanhamos um trabalho docente implicado que se sustenta até a presente data, quando tanto falamos no ensino híbrido nesta volta ao presencial, ainda em meio a uma pandemia cujo fim ainda não está anunciado. Com efeito, essa foi uma crise repleta de desdobramentos, que atravessaram as esferas social, econômica, política e educacional com força e intensidade.

A implicação dos praticantes nunca foi tão perceptível e tão desvelada, frente a todo um trabalho colaborativo, coletivo, de ajuda mútua entre docentes, de uma formatividade experienciada de maneira intensa, momento em que muito se precisou ressignificar, (re)avaliar e (re)construir, adaptar ideias, sistematizações e processos.

Os aprendizados docentes foram diversos, e nesse contexto os multiletramentos digitais e os letramentos sociais foram desenvolvidos, produzindo assim novas práticas. Tornaram-se de tamanha importância para entender e adaptar possibilidades com vistas a pluralidade cultural, social e econômica por parte discente, onde conexões e equipamentos eletrônicos que viabilizaram o acesso aos conteúdos disciplinares, variam da ausência, falta ou obsolescência ao ilimitado, ao novo ou atual.

Em tempos de pré-pandemia, as intensidades nos usos do digital eram outras, considerando que a aderência nas mediações por tecnologias digitais era eletiva, e a escola, era uma instituição transversalizada pelos fenômenos da cibercultura. Por isso, podemos afirmar que a participação discente contribuiu como fator motivador ou disparador dos usos nesse período, pois demonstravam seus anseios e de familiaridades com as perspectivas tecnológicas presentes na contemporaneidade.

Dessa forma, oportunizados com narrativas e diálogos, pudemos por meio de um olhar sensível e atento, observar as nuances dos usos e dos aprendizados docentes na pandemia em contraste com o momento anterior.

Ela, a pandemia, impôs usos intensos do digital, não apenas para educação, como também para vários outros segmentos do mundo do trabalho.

O professor, escritor e historiador Yuval Noah Harari (2020), quando no auge da pandemia do vírus SARS CoV-2, em entrevista à CNN foi perguntado, se lembrava de ter visto em nossa sociedade tecnológica global atual, uma crise como a que estamos vivendo, respondeu:

Como está, não. Não testemunhamos uma epidemia global nessas proporções em pelo menos cem anos. E, de fato, ninguém tem uma experiência real, vivida, do que estamos vendo agora, o que é parte do que a torna tão assustadora e alarmante. (HARARI, 2020, p.61)

O sentimento que as circunstâncias da pandemia provocavam nas pessoas e que se desdobrava em diversas outras questões conjuntamente, acarretava apreensão, tensão e um certo estado de suspensão, enquanto todos aguardavam o momento da descoberta de uma vacina eficaz, já que cientistas em diferentes países, a todo tempo, divulgavam boletins com o avanço da contaminação.

Essas informações, imediatamente, se espalhavam pelo globo deixando evidenciado, num fluxo constante, instantâneo e intenso, que países e continentes estavam mais próximos do que nunca um do outro, como se fossem um único lugar, o lugar da humanidade, enquanto todos partilham as mesmas vulnerabilidades biológicas.

A continuidade do isolamento físico trazia a percepção da gravidade do que acontecia, já que portos e aeroportos se tornaram alvos de muita observação e cuidados, determinando quarentenas para os que chegavam, que significava a entrada de novas variantes do vírus, assim como, via mais comum para a propagação do mesmo, por conseguinte sua influência nos processos educacionais.

Percebemos o exaustivo trabalho coletivo docente em (re)inventar, (re)planejar e (re)construir conteúdos disciplinares, em sua transposição de um modelo ao outro, do ensino presencial ao remoto, todo um universo de processos e sistematizações em um curto período de tempo e de forma emergencial.

Tendo em vista, as conversas e experiências vivenciadas pelos autores, nos foi possível refletir sobre a importância de oportunizar discussões sobre o contexto social, econômico e cultural, reconhecendo que somos seres plurais compostos por uma diversidade contemporânea que nos diferencia, ao mesmo tempo que complementa.

Diversidade, tendo em vista a multiplicidade de informações as quais temos ou podemos ter acesso, e mais, podemos compartilhar em diferentes *'espaçotempos'*, *'dentrofora'* da ambiência física da escola, considerando as redes sociais, aplicativos de comunicabilidade disponíveis e acessíveis, ampliados a partir da inserção das tecnologias como artefatos curriculares.

Constitui um fato, especialmente, a partir da urgência do isolamento físico, a presença dos artefatos tecnológicos digitais em rede, ainda que em complementaridade, frente ao seu inegável protagonismo na interação entre docentes e discentes geograficamente distantes. Assim como, o enriquecimento na oferta de materiais multimodais que podem ser desenvolvidos frente a seu uso, e relevantes recursos que podem ser obtidos por intermédio dele para o desenvolvimento da prática pedagógica nesse contexto excepcional.

Vale ressaltar, ainda, como pode ser visto, nas interações docentes, no momento no qual as conversas/narrativas aconteceram, que a percepção acerca da necessidade de desenvolver multiletramentos, ou seja, letramentos sociais, digitais, na escola e pelos docentes, pode não ter sido iniciada pelas urgências de um contexto de exceção, mas do exercício de uma docência implicada.

Um outro aspecto considerável é que o desenvolvimento de multiletramentos não está apenas ligado ao uso das tecnologias. Todavia, essas estão presentes nas mais cotidianas ações. Posto isso, a ampliação dos primeiros, pelo uso das tecnologias, em potência, pode aumentar a criticidade *'docentediscente'*. No entanto destacamos que a inicial dificuldade no uso e acesso às mesmas abarca docentes e discentes.

Por fim, ressaltamos que ao apresentarmos essas discussões buscamos demonstrar que a pandemia do vírus SARS CoV-2 trouxe urgências, mas que a necessidade de adequação da prática pedagógica é anterior a ela,

assim como a diversidade de possibilidades. E que as conversas trazidas ainda encaminham a percepção de que há muito o que avançar no que tange o desenvolvimento de multiletramentos, ao mesmo tempo que salienta possibilidades que necessitam ser ampliadas, especialmente, considerando a presença das mesmas nos cotidianos.

Com esse entendimento, destacamos que as tecnologias oportunizam a facilidade da apreensão de conhecimentos, e em tese, refreando as dificuldades decorrentes das diferenças geracionais, caminhando em prol de meios mais contemporâneos de abordar o conteúdo das diferentes disciplinas. Assim, podem se estabelecer relações de dialética compreendidas e ampliadas pela prática de multiletramentos, no exercício de uma docência contemporânea para uma aprendizagem cada vez mais significativa, em consonância com as necessidades atuais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. (2008) Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês; ALVES, Nilda (Org.). *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 15-38

ALVES, Nilda, ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: após muitas 'conversas' acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; Peixoto, L. F.; Sussukind, M.L.(orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-45.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (coord.). *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação*. São Carlos: UFScar, 1998.

ARDOINO, Jacques; LOURAU, René. *As pedagogias institucionais*. São Carlos: RiMa, 2003.

BAGGIO, Rodrigo. *A sociedade da informação e a infoexclusão. Ciência da Informação [online]*. 2000, v. 29, n. 2, pp. 16-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a03v29n2> - Acessado em: 25 Nov 2022

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. *Inclusão digital: polêmica contemporânea* - Salvador: EDUFBA - 2011 - Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/4859> - Acessado em: 17 Nov 2022

CANCLÍNI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v.13, n. 37, jan./abr. 2008

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

Comitê Gestor da Internet no Brasil [CGI.br]. (2020). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019*. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/publicacoes/Acesso> em: 26 nov. 2022.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1995.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães. #FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. *Revista Interfaces Científicas*, v.8. n.3, p.200-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777> Acesso em: 28 nov. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos. *A exclusão digital no brasil e seus reflexos no acesso à informação*. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 14, p. 362-366, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/159706> Acesso em: 26 nov. 2022.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e76124, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v36/1984-0411-er-36-e76124.pdf> - Acesso em: Jan 2021.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. *Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades*. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 15. ed. São Paulo: Autores Associados, 1987.

HARARI, Yuval Noah. *Notas sobre a pandemia: E breves lições para o mundo pós-coronavírus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HENRIQUE, Trazíbolo. Covid-19 e a Internet (ou estou em isolamento social físico). *Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v.8.n.3. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/8713>. Acesso em: 28 nov 2022

LEMOS, André. *Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma 'Cultura Copyleft'?* 1 - Contemporanea, vol.2, no 2 p 9-22 Dez 2004 -Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/%0Bvie wFile/3416/2486>> - Acessado em: 19 Jan 2021.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, Etnopesquisa-Formação*. Brasília: Líber Livros, 2010.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio E.; ALVES, A. *Expansão e reconfiguração das práticas de leitura e escrita por meio do Whatsapp*. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio E.; CHAGAS, Alexandre (Orgs.) *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons*. Salvador: EDUFBA, p. 15-52, 2017.

PRETTO, Nelson de L. *Reflexões: ativismo, redes sociais e educação*. Salvador: EDUFBA, p.30-70, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. 1. ed.- São Paulo: Parábola, 2013.

ROSSI, Ricardo Costa.; VALENTIM, Marta Ligio Pomim. *Globalização de serviços para a cidadania: uma revisão bibliográfica sobre a infoexclusão no brasil*. Páginas AeB, Arquivos e Bibliotecas (Portugal), n. 13, p. 33-45, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/145258>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. *A Pós verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: Ed. UFPI, 2019.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.